

# Antropologia Portuguesa

Volume 28 · 2011

Departamento de Antropologia | Universidade de Coimbra

## Recensões

Fabian, J. 2007. *Memory against culture: arguments and reminders*. Durham, Duke University Press, xi + 191 pp. ISBN 9780822340775. £ 14,24.

Fabian, J. 2008. *Ethnography as commentary: writing from the virtual archive*. Durham, Duke University Press, ix + 139 pp. ISBN 9780822342830. £ 13,99.

Uma passagem rápida pelo índice de *Memory against Culture: arguments and reminders* de Johannes Fabian revela uma colecção de doze ensaios organizados em quatro partes temáticas: *Anthropology at large*; *Language, time, objects*; *Forgetting and remembering*; *Ethnography*. Todos os textos que aqui aparecem foram recentemente apresentados e na sua maioria também publicados, reflectindo um percurso pelo menos por dez cidades de oito países (Itália, Inglaterra, Alemanha, EUA, Tanzânia, África do Sul, Áustria e Brasil), organizações e publicações disciplinares diversas e certamente audiências alargadas.

No entanto, o que podemos encontrar em *Memory against culture* não é um exercício sem precedentes na lista de publicações de Fabian. É de facto a terceira vez que o autor publica uma colecção de ensaios: em 1991, surge *Time and the work of Anthropology: critical essays 1971-1991* e dez anos depois, em 2001, *Anthropology with an attitude: critical essays*. Estes livros, mais do que proporcionarem a felicidade de tornar uma parte considerável da produção intelectual de Fabian mais acessível, demonstram dois aspectos fundamentais da sua “atitude”: por um lado, uma procura deliberada de consolidação teórica e reflexiva, concretizada aqui na revisitação dos seus próprios textos com vista à sua apresentação mais coesa sob a forma de livro; por outro lado, uma postura intelectual não apenas crítica – a sua marca de autor – como instigante e por vezes até didáctica. Sublinhe-se quanto a isto algumas formalidades como um estilo de escrita denso mas suficientemente fluido, em que cada argumento é explicitado a par com as suas etapas de construção (não esquecendo que uma parte dos textos foi inicialmente desenvolvida para endereçar uma audiência); uma lista bibliográfica e um index precisos, que facilmente funcionam como guias para a pesquisa sobre as temáticas em análise; e a existência de notas de pé de página (colocadas no fim do livro o que por vezes é incomodativo) contendo sempre indicações úteis (*reminders*) sobre conceitos, referências, eventos que ajudam nessa explicitação do modo como se chega a um argumento.

A relação entre os dois livros aqui em análise – *Memory against culture* e *Ethnography as commentary* – é de continuidade directa, sendo este pequeno livro uma espécie de filho do primeiro, mais especificamente do seu décimo capítulo,

onde Fabian descreve a constituição do arquivo virtual *Language and popular culture in Africa* (<http://www2.fmg.uva.nl/lpca>).

*Memory against culture* é um título que pode ser facilmente tomado como um enunciado que visa exprimir argumentos desenvolvidos ao longo do livro em torno de uma oposição sistemática entre os dois conceitos, memória e cultura. Não é o caso. Como o próprio Fabian chama a atenção logo no prefácio, ainda que o conceito de memória seja central em todos os textos e que sejam levantadas algumas críticas sobre os perigos essencializantes e reificantes da utilização do conceito de cultura *tout court*, o livro consiste mais numa proposta no sentido de uma “*ethnography of memory and remembering*” (p. ix).

Uma etnografia da memória e dos modos de recordar, a par com a reflexão sobre a importância da memória na etnografia, não podia deixar de incluir uma das questões que mais tem ocupado Fabian ao longo da sua carreira – o tempo. Logo no segundo capítulo, Fabian revisita o argumento de *Time and the other* para desencadear uma reflexão que começa por uma breve história do termo Outro na antropologia social e cultural anglo-americana, passa para o seu próprio percurso nos debates em torno de *Writing culture* e para o argumento central da partilha no tempo (*coevalness*) como condição de possibilidade da etnografia. Aqui é dada uma nova ênfase ao papel da memória na etnografia e à questão do reconhecimento – “*what made this concept [recognition] productive was that it led me to think about ethnographic inquiry as re-cognition and remembering*” (p. 25).

Na segunda parte do livro, Fabian desenvolve estas questões a partir da sua proposta de uma antropologia centrada na linguagem (*language centered anthropology*). A expressão não é imediatamente clara, mas remete para uma orientação teórico-metodológica que tem como ponto de partida uma crítica aos modelos formalistas que preconizam a sincronia e a autonomização da fala, deste modo convergindo com a preocupação com o tempo focada na prática e na co-presença. As chamadas de atenção são sempre direccionadas para as implicações destes problemas no trabalho de campo e na escrita etnográfica (p. 35).

Para compreendermos melhor esta relação entre linguagem e tempo, Fabian explicita o modo como são campos de reflexão interpenetráveis. A linguagem (incluindo fala e texto) acaba por se revelar um foco interessante logo no início da sua carreira, aquando do trabalho de campo sobre um movimento religioso no Zaire porque, ao contrário do modelo centrado na objectividade e no método científico, parecia manter o nexu do movimento estudado e simultaneamente permitir a sua análise, uma vez que sublinhava a importância da intersubjectividade (p. 35) e da comunicação no reconhecimento mútuo das agências em presença (p. 36). Por-

tanto, a linguagem é aqui entendida enquanto prática que não só ocorre no tempo como exige a sua partilha e um entendimento da co-presença como necessitando de preparação e de criação (não apenas de acaso) de modo a conduzir à produção de conhecimento etnográfico. A antropologia centrada na linguagem defendida por Fabian surge assim da transição de uma visão informativa da etnografia para uma visão comunicativa, acompanhada pelo reconhecimento reflexivo da importância dos seus aspectos performativos, i.e., as respostas às nossas questões não existem prontas à nossa espera (p. 36).

Já no movimento inverso, do tempo para a linguagem, vale a pena destacar a necessidade de conceber materialmente a presença como um “*making it through the day*” (p. 38) que implica sempre a memória, na medida em que os textos produzidos enquanto evidências dessa presença têm por base a nossa capacidade de reconhecer os seus contextos e de recordar o passado.

O capítulo que me chamou inicialmente a atenção para este livro e que por isso gostaria de destacar foi o quinto capítulo, incluído nesta segunda parte, intitulado *On recognizing things: the ‘ethnic artefact’ and the ‘ethnographic object’*. Aqui a questão do Outro enquanto objecto da antropologia é retomada mas mais especificamente sob a perspectiva do estudo da cultura material enquanto análise de “outros objectos” ou “objectos do outro”, dando atenção ao que os objectos nos dizem e o seu papel na história dos encontros ocidentais (exploradores e etnógrafos) com os seus outros. Esta atenção de Fabian aos objectos é devida, por um lado, à relevância etnográfica que um conjunto de pinturas populares sobre a história do Zaire adquire dada a sua materialidade (a sua presença, circuito e estatuto de mercadoria), desenvolvida mais detalhadamente por Fabian noutro livro (1996). No âmbito do estudo das mediações materiais do conhecimento e da prática de coleccionar objectos etnográficos, Fabian coloca três questões fundamentais: 1) que tipo de conhecimento é veiculado por estes objectos, 2) que tipo de conhecimento se encontra subjacente para permitir o reconhecimento de coisas como objectos etnográficos coleccionáveis e 3) de que modo é que o nosso encontro com os objectos transforma tal conhecimento.

É curioso, se bem que não inovador, o questionamento da adjectivação de “etnográfico” quando comumente se fala deste tipo de objectos. Se é só a partir de meados do século XIX que as referências a estes objectos como “etnográficos” faz sentido, apesar da prática de os coleccionar em si poder ser anterior, o anacronismo torna-se tão óbvio que carece de uma reflexão mais aprofundada. É então que Fabian desenvolve sobre a emergência histórica diferenciada de dois tipos de coleccionáveis – o objecto etnográfico e o artefacto étnico – enraizada em tradições disciplinares distintas.

Vejamos o primeiro. Como afirma Fabian, o discurso colonial é por norma formalmente marcado por um internacionalismo ostensivo de motivos humanitários que, não obstante, tinha subjacente um conjunto de interesses nacionais bem definidos. A prática de coleccionar objectos etnográficos foi um instrumento importante na prossecução desses interesses, permitindo a obtenção de conhecimento sobre os territórios e populações visados pela ordem colonial. A identificação e diferenciação de unidades culturais, com base na sua cultura material, justificavam no mínimo o estabelecimento de fronteiras e subdivisões administrativas. Assim, o objecto etnográfico é antes de mais um objecto científico que participa do modelo de objectividade das ciências naturais (a antropologia entroncada na historia natural), desenvolvidas no contexto do Iluminismo, sendo analisado contra grelhas de classificação taxonómicas e tipológicas.

Por sua vez, o artefacto étnico, sendo narrativo e estético, está relacionado com o domínio da cultura, com a identificação do presente na sua relação com o passado e com as ciências humanas (*geisteswissenschaft*), desenvolvidas à luz do pensamento romântico. O principal ponto de confronto entre estas duas tradições tem que ver com o reconhecimento da agência que lhes é subjacente. Ora como Barbara Kirshenblatt-Gimblett bem demonstrou (1991 e que Fabian cita), ser dissociado do seu contexto de produção e consumo é a condição de possibilidade do objecto etnográfico. Ele existe para ser encaixado em sistemas de classificação. No entanto, a rejeição ou a crítica dessa dissociação, muitas vezes feita pelos profissionais dos museus, não deve estar direccionada às suas consequências mas para as suas premissas, já que retirar os objectos do contexto é o que faz com que este tipo de análise funcione, i.e., uma análise “*old style*” da cultura material (p. 57).

Um novo estudo da cultura material, já bastante desenvolvido na bibliografia das duas últimas décadas (Appadurai, Miller, Stocking, Thomas são algumas das referências feitas às quais se poderiam acrescentar muitas mais), começa por enfatizar a materialidade dos objectos a par do reconhecimento da sua relação com pessoas e comunidades, o seu papel nos processos de objectificação constitutivos do social. É no seguimento deste debate e da irreconciliabilidade política e histórica entre as duas tradições, que Fabian sugere um enfoque inovador que permita dar uma nova atenção aos objectos, à sua materialidade e contextos locais – estudo da cultura popular (p. 61). O conceito de cultura popular, que transporta consigo uma noção dialéctica da memória (que inclui o seu potencial subversivo e contestatário) permite avançar na crítica ao conceito clássico de cultura, nos termos que Fabian vai desenvolvendo (identidade, conformidade, normatividade) e também prescindir da sua ligação de exclusividade com o enquadramento político do Estado-nação. A noção de cultura popular, promovendo uma maior atenção à contemporaneidade,

à co-presença, torna-se assim útil para falar sobre os artefactos étnicos na cultura moderna pós-nação e mais frutífera para lidar com os problemas de reconhecimento e de alteridade que têm desafiado a construção do conhecimento antropológico.

As últimas duas partes do livro, especialmente os quatro artigos da terceira parte, discutem estas mesmas questões – memória, história, reconhecimento, etnografia – reflectindo mais directamente o trabalho de Fabian na região de Shaba/Katanga do antigo Zaire e desenvolvendo mais profundamente a ideia de que “as construções modernas da alteridade emergiram quando os distanciamentos espaciais e temporais emergiram para formar a base da negação do reconhecimento (da contemporaneidade, da modernidade)” (p. 60). Fabian apela a um entendimento dialéctico do trabalho da memória (*memory work*), que compreende a relação entre recordar e esquecer (que não deve ser compreendida como um jogo de soma nula, pp. 78-79), cuja análise permite colocar a agência de volta ao contexto, ou seja, o reconhecimento dos agentes em presença. Identificar etnograficamente os vestígios do esquecimento, como Fabian chama a atenção, passa por subtilezas como pausas, hesitações ou o uso de advérbios, conjunções, locuções e preposições, como por exemplo um interlocutor que usa o “*et caetera*” para saltar uma enumeração que podia trazer recordações com as quais não se quer lidar ou abordar naquele momento (p. 87).

Sendo a última parte do livro dedicada à etnografia e às suas condições de produção, é de destacar o capítulo donde emergem as questões directamente relacionadas com o impacto da Internet na escrita etnográfica e na preponderância do seu resultado formal padronizado – a monografia etnográfica. É este impacto e a possibilidade de emergência de um novo género de escrita etnográfica que são desenvolvidos em *Ethnography as commentary: writing from the virtual archive*.

Na base deste livro está um projecto criado em 2005 por Fabian e Vincent de Rooij, do Departamento de Antropologia e Sociologia da Universidade de Amsterdão, que consiste num sítio electrónico cujo objectivo é documentar e promover o estudo de expressões da língua e cultura popular em África – *Language and popular culture in Africa*. Como se pode ler na página de apresentação, este objectivo é cumprido pela disponibilização de textos – transcrições e documentos traduzidos e anotados, uma bibliografia anotada de textos populares suaíli em livros e artigos – que expressam e intervêm nas formas de cultura popular Africana nos séculos XIX e XX (*LPCA Text Archives e Archives of Popular Swahili*) e pela publicação de uma revista que publica estudos sobre textos populares africanos (*Journal of Language and Popular Culture in Africa*).

O facto deste corpo de textos disponibilizado em linha ser necessariamente maior e mais detalhado do que o que por norma se consegue publicar no formato

padrão da monografia etnográfica é o ponto de partida da reflexão de Fabian sobre o impacto da Internet na escrita etnográfica. Apesar de Fabian não esconder uma certa preocupação com o valor em si deste grande volume de informação, é porque se mantém a necessidade de escrever e de operacionalizar uma certa síntese que nasce o livro. Ele procura ser uma primeira tentativa dentro de um novo género de composição etnográfica, em que a referência a um arquivo acessível e crescente se presume, e apresenta conseqüentemente uma reflexão redobrada sobre as implicações da memória da participação e da interpretação na escrita etnográfica.

Como diz Fabian, a constituição do arquivo não se resume à tarefa de arranjar uns assistentes que possam lançar um conjunto de coisas na Internet para outros consultarem. É uma tarefa editorial, de arquivo e teórica. O texto que está especificamente por trás do livro – uma transcrição e tradução do Suaíli/Hemba da gravação de uma conversa com o *especialista ritual (muganga ya miti)* Kahenga Mukonkwa Michel, em Lubumbashi (1974) – encontra-se entre os textos disponíveis no arquivo virtual (<http://www.lpca.socsci.uva.nl/aps/vol7/kahengatext.html>). Como Fabian afirma, a presença destes textos não funciona como evidência ou prova que permite confirmar as interpretações do etnógrafo. Pelo contrário, esta presença reforça o seu papel de mediadores (e não depósitos de factos), em que o texto se torna numa *pièce de resistance* na relação entre a experiência passada e a representação futura (pp. 7, 39), em particular na escrita de uma “etnografia tardia” como é este caso. Ao longo do livro, Fabian analisa detalhadamente os vários passos da construção do arquivo, debruçando-se sobre as interpretações e afirmações mais ou menos sustentáveis sobre o trabalho (cap. 3), o mundo (cap. 4) e o pensamento (cap. 5) de Kahenga. O argumento a favor da constituição do comentário (*commentary*) como um género de escrita etnográfica baseada em arquivos textuais virtuais (diferente de bases de dados) sai vencedor, tendo em conta o objectivo estrito de representar um documento de um evento no passado, tornando possível a sua confrontação no presente (p. 113).

Dependendo do grau de conhecimento do trabalho de Fabian, ler primeiro livros como *Ethnography as commentary* pode tornar-se mais fácil do que começar pelas colectâneas de artigos como *Memory against culture*. Não obstante, ambas as leituras são instigantes não só para a antropologia contemporânea como para além dela, para outras disciplinas como a história ou a literatura.

### Ana Rita Amaral

Museu da Ciência

Universidade de Coimbra, Portugal

[ana.r.amaral@gmail.com](mailto:ana.r.amaral@gmail.com)